

## AMAZÔNIA SEM LEI

## Pressão por troca na Funai

Indignados com a morte de Bruno e Dom, servidores da autarquia exigem que o atual presidente, Marcelo Xavier, seja destituído

» RAFAELA MARTINS  
» TAINÁ ANDRADE  
» ISADORA ALBERNAZ\*

Tão logo o grupo de autoridades que investiga o desaparecimento de Bruno Araújo Pereira e Dom Phillips confirmou, em Manaus, que restos mortais que podem ser do indigenista e do jornalista foram encontrados na região do Vale do Javari (AM), um grupo de servidores da Fundação Nacional do Índio (Funai) se reuniu em frente à sede da entidade, em Brasília, para protestar contra o crime e denunciar um progressivo desmonte da autarquia. Eles pediram a saída do presidente da instituição, Marcelo Xavier — a quem acusam ser o principal responsável pela desconstrução da Funai.

“Isso não começou hoje. Desde que ele (Xavier) sentou aqui, tem servidor nosso morrendo em campo — e nada foi feito. Não temos o mínimo de segurança para trabalhar”, acusou Guilherme Martins, servidor da Funai.

Os integrantes da autarquia garantem que o presidente da instituição não garantiu a segurança daqueles que estavam procurando o indigenista morto no Vale do Javari. “Enquanto Bruno estava sendo violentamente assassinado no Rio Ituí, Marcelo Xavier estava difamando ele em rede nacional. O presidente concedeu duas entrevistas contando mentiras sobre o Bruno. Ele teve o escárnio de lançar um documento oficial difamando o Bruno e criminalizando-o. Xavier não tem o mínimo de dignidade para ocupar a cadeira da Funai. Por isso, os servidores estão em greve. Não aguentamos mais”, salientou Martins.

O servidor da Funai disse, ainda, que “todos nós, indigenistas, somos o Bruno, hoje e sempre. A força dele vai continuar ecoando em todos nós, e vai reconstruir a política indígena que o governo desconstruiu”.

## Paralisação

Os servidores da fundação estão em greve nacional desde 13 de junho. Os funcionários exigem, entre outras demandas, a presença da Força Nacional nas três bases no Javari; uma força-tarefa para fazer um rodízio com os servidores que estão no local “dormindo em canoas”, pois a base da Funai está em péssimo estado de conservação; e uma retratação de Xavier sobre a morte do Bruno.

O presidente da Funai acusou o indigenista de não ter pedido autorização para circular na região onde foi morto com Dom Phillips, no que foi desmentido pela União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) — que apresentou uma série de ofícios mostrando que Bruno tinha sido liberado pela fundação para ir à localidade.

“Estamos em greve pedindo ao ministro da Justiça, Anderson

Torres, que retire o Xavier do cargo e atenda aos nossos pedidos. Tudo pode ser cumprido com uma canetada. A Força Nacional responde ao Ministério da Justiça. A força-tarefa já foi realizada na Funai em diversos espaços, e retratar-se em uma carta é o mínimo que um ser humano pode fazer”, cobrou o representante do Sindicato dos Servidores Públicos Federais do DF, Gustavo Cruz.

Para Fernando Vianna, presidente da Indigenistas Associados (INA) e coordenador técnico do dossiê intitulado *Fundação Anti-Indígena: Um retrato da Funai sob o governo Bolsonaro*, a entidade “está capturada pelos interesses anti-indígenas. Esta gestão pegou a missão institucional da entidade e virou de ponta cabeça, do avesso. Queremos mostrar (o que acontece) para sociedade e discutir com atores que têm potencial para tomarem medidas judiciais”.

Os funcionários lembram que o atual presidente da Funai é delegado da Polícia Federal. Em 2017, Xavier foi assessor parlamentar de integrantes da bancada ruralista que atuou na CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Funai, que investigou o órgão e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

De acordo com funcionários, atualmente das 39 coordenações regionais da autarquia, 17 são comandadas por militares, três por policiais militares e uma por um policial federal.

Um funcionário da Funai, que preferiu não se identificar, acusa Xavier de utilizar o aparato da PF para intimidar indigenistas e indígenas. “Quem trabalha em favor dos indígenas, é afastado. Os servidores que fazem o trabalho direito são atacados”, afirmou.

De acordo com o antropólogo Ricardo Verdum, coordenador da Comissão de Assuntos Indígenas da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a colocação de figuras de fora do quadro da Funai em postos de comando é uma estratégia explícita de desmonte: “O órgão está completamente controlado por militares. O próprio presidente é delegado da PF e também representa interesses do agronegócio da região do Mato Grosso do Sul”, acusou.

Verdum aponta ainda os antropólogos conhecidos como “contra laudistas” que estão sendo incorporados à Funai desde 2019. Segundo ele, são “pessoas de dentro da ‘nova’ Funai, contrárias à identificação dos territórios indígenas”.

“Não dá para dizer que eles sejam antropólogos. Essas pessoas que estão sendo chamadas para assumir os grupos técnicos não se enquadram na experiência reconhecida pela Associação Brasileira de Antropologia, mas, mesmo assim, a Funai os coloca nessa função”, argumenta Verdum.

\* Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Rafaela Martins/CB/D.A Press



Servidores da Funai cobram do ministro Anderson Torres a saída do presidente do órgão, ao qual acusam de promover o desmonte da autarquia

## Uma dupla apaixonada pelo Brasil profundo

Reprodução/Rede Sociais

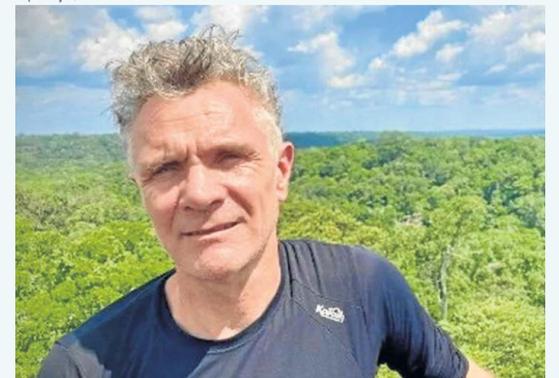


Bruno: especialista nos povos do Javari

## Um dos maiores indigenistas da atualidade

Considerado um dos maiores indigenistas de sua geração, Bruno Araújo Pereira seguia a trilha aberta pelos irmãos Villas-Bôas e de Sydney Possuelo. Fez da região do Vale do Javari (AM) sua principal zona de atuação e pesquisa, local da floresta amazônica onde vivem vários povos originários isolados. Servidor da Fundação Nacional do Índio (Funai), passou mais de uma década na região de Atalaia do Norte e fez profunda amizade com líderes indígenas locais, pelos quais era querido e respeitado. Por causa dessa proximidade, formou, com a ajuda da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari, um grupo de vigilantes para tentar conter o avanço da criminalidade e a devastação na localidade — assolada pela economia predatória de estreita ligação com o narcotráfico, de garimpo e pesca ilegais, grilagem de terras públicas e contrabando de plantas e animais para o mercado negro internacional. A atuação de Bruno começou a causar incômodo dentro da Funai quando articulou uma operação contra garimpeiros ilegais, desbaratada pela Polícia Federal. Por causa dela, foi colocado em disponibilidade pela autarquia.

Reprodução/Redes sociais



Dom: pesquisa sobre as saídas para a Amazônia

## Um caçador de grandes histórias

Dominic (Dom) Mark Phillips estava no Brasil há 15 anos, país ao qual chegou para ficar pouco tempo, mas, diante da complexidade e da desigualdade da sociedade que encontrou, decidiu fixar residência. Nos últimos tempos, vinha trabalhando como repórter free lancer para o diário inglês The Guardian, mas tinha ido à região do Vale do Javari com Bruno Pereira por conta de uma bolsa de pesquisa que recebeu da Alicia Patterson Foundation para o projeto *Como salvar a Amazônia?* Com a ajuda do indigenista, pretendia dar sequência a uma série de entrevistas para tentar apresentar um diagnóstico de uma região há tempos entregue à própria sorte pelos sucessivos governos. Exatamente por ter se tornado uma espécie de porto livre para o narcotráfico e uma lista de crimes conexos, financiados por poderosos cartéis das drogas, Dom pretendia entender o impacto e a convivência dessa marginalidade com as comunidades da região, sobretudo as dos povos originários. Enquanto esteve no Brasil, Dom colaborou com jornais como *The Washington Post*, *The New York Times*, *Financial Times* e a agência de notícias Bloomberg. O jornalista viveu no Rio de Janeiro e em São Paulo antes de decidir viver em Salvador.

## Repercussão do assassinato veio imediatamente

» FABIO GRECCHI

Assim que a coletiva com os representantes das forças do Estado confirmou que foram encontrados restos mortais que podem ser de Dom Phillips e de Bruno Araújo Pereira, a repercussão foi imediata. Entidades ligadas à proteção do meio ambiente, políticos, veículos de imprensa e pessoas com grande número de seguidores nas redes sociais se manifestaram sobre o crime.

A União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), que fazia um estreito trabalho com Bruno de proteção das comunidades nativas, classificou o assassinato dos dois como um crime “político”. “A Univaja compreende que o assassinato de Pereira e Phillips constitui um crime político, pois ambos eram defensores dos direitos humanos e morreram desempenhando atividades

em benefício de nós, povos indígenas do Vale do Javari, pelo nosso direito ao bem-estar, pelo nosso direito ao território e aos recursos naturais que são nosso alimento e garantia de vida”, afirmou a entidade.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), tuitou sobre a descoberta de restos mortais que podem ser de Dom e Bruno. “É com enorme pesar que recebo a notícia de que foram encontrados os restos mortais do indigenista Bruno Araújo e do jornalista Dom Phillips. Em respeito às vítimas, à Amazônia e à liberdade de imprensa, espero que todos os criminosos envolvidos sejam punidos com o rigor da lei”.

O Observatório do Clima também lamentou a notícia: “É com tristeza e revolta que recebemos a notícia de que Bruno Pereira e Dom Phillips foram assassinados no Vale do Javari. Nossos pensamentos se



O assassinato de Pereira e Phillips constitui um crime político, pois ambos eram defensores dos direitos humanos e morreram desempenhando atividades em benefício de nós”

Trecho da nota de pesar da Univaja

voltam às famílias de ambos, numa dor que também é nossa”.

A Amazon Watch, outra organização não-governamental, disse que “estamos devastados com os assassinatos de Dom Phillips e Bruno Araújo e mandamos nossos profundos sentimentos às famílias. Eles puseram suas vidas em risco por uma honrada missão: proteger a Amazônia e defender os povos indígenas. O

trabalho deles prosseguirá”.

Repórter do *The Guardian* como Dom, o colega de reportagem Tom Phillips disse apenas: “Vá em paz amigo”.

Os senadores Alessandro Vieira (PSDB-SE), Leila Barros (PDT-DF), Renan Calheiros (MDB-AL) e Eliziane Gama (Cidadania-MA) também se solidarizaram às famílias e manifestaram a revolta pelo homicídio dos dois. “O

assassinato bárbaro de Bruno e Dom é um atestado da falência do estado brasileiro. Nos falta tudo, inclusive capacidade de indignação, cada vez mais anestesiada pela sucessão de tragédias”, reagiu Alessandro.

Deputados como Alessandro Molon (PSB-RJ) e Jandira Feghali (PCdoB-RJ) também protestaram pelas redes sociais. “Estarrecedora a notícia de que os corpos de Dom Phillips e Bruno Araújo foram ‘esquartejados e incinerados’. Revoltante dispor de vidas com requinte de crueldade. Quem cometeu os crimes? A mando de quem? Qual o motivo?”, observou Jandira.

O rapper Emicida e youtuber Felipe Neto também manifestaram indignação com os assassinatos. “É uma tristeza sem fim. Dom Phillips me entrevistou para o *The Guardian*. Uma pessoa amável, fantástica. Ele e Bruno Pereira foram brutalmente assassinados em

decorrência da falta de combate às práticas ilegais na Amazônia pelo atual governo”, destacou Felipe.

Dos pré-candidatos à Presidência, somente Luiz Inácio Lula da Silva prestou solidariedade. “A confirmação do assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips é uma notícia que causa dor e indignação. O que se exige agora é uma rigorosa investigação do crime. Bruno e Dom viverão na esperança de um mundo melhor”.

Veículos de imprensa — entre os quais *The Guardian*, *Sky News*, *BBC*, *Daily Mail*, *ABC News*, *Channel 4 News*, *DW News*, *Al Jazeera*, *CNN Internacional*, *The Washington Post*, *The New York Times*, *Wall Street Journal* e *The Telegraph* — ressaltaram o assassinato. Disseram, ainda, que a descoberta dos corpos só foi possível pela revelação do local de um dos acusados do crime, Amarildo da Costa Oliveira.